

# PANTANAL MATO-GROSSENSE: INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL E TERRITORIALIZAÇÃO TURÍSTICA

## PANTANAL MATO-GROSSENSE: ENVIRONMENTAL INTERPRETATION AND TOURISTIC TERRITORIALIZATION

Suíse Monteiro Leon Bordest <sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo objetiva situar no cenário de atrativos turísticos da cidade pantaneira de Barão de Melgaço, no estado de Mato Grosso, Brasil, um remanescente da trincheira da Guerra do Paraguai, considerado como marco histórico desse acontecimento e hoje transformado no Museu da Guerra do Paraguai. Na esteira de atrativos turísticos, buscam-se conceitos de interpretação ambiental e de territorialização turística, daí visitarmos as referências bibliográficas concernentes a esses assuntos pouco discutidos no cenário pantaneiro mato-grossense.

**Palavras-Chave:** Interpretação ambiental. Territorialização turística. Pantanal de Barão de Melgaço. Trincheira da Guerra do Paraguai.

**ABSTRACT:** This article aims to point out in the scenery of the attractive pantaneira touristic town of Baron of Melgaço, in the State of Mato Grosso, Brazil, a remainder of the trench made for the Paraguay War, considered as historical landmark of this event and today transformed into the Museum of the Paraguay War. In the track of attractive tourist spots, there's a search for concepts of ambient interpretation and tourist demand into the territory, which leads one to visit the bibliographical references to these subjects of interest for the pantaneiro scene.

**Keywords:** Ambient interpretation. Tourist demand. Pantanal de Barão de Melgaço. Trench of the Paraguay War.

### Introdução

**E**m meio ao Pantanal Mato-grossense foi recentemente construído um Memorial, com a intenção de preservar o local que marca o episódio da defesa de Melgaço na Guerra do Paraguai, objetivando homenagear o autor da façanha: Augusto

João Manoel Leverger - o Barão de Melgaço. Por iniciativa do então presidente do IHGMT, João Carlos Vicente Ferreira, em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso, foi elaborado um projeto visando a revitalização desse marco histórico e a construção de um edifício para abrigar os objetos,

<sup>3</sup> Doutora em Geociências pela UNESP-Rio Claro, integrada na UFMT, PPGGEO, membro do IHGMT. bordest@uol.com.br



Estrada Parque para Barão de Melgaço em época de cheia. Foto Bordest. 2011.

mobiliário e biblioteca, referentes ao tema, bem como para acolher visitantes e turistas, prestando-se ainda enquanto espaço didático, onde professores e alunos desenvolverão pesquisas e estudos sobre a trajetória histórica de Mato Grosso, do Município de Barão de Melgaço e também sobre a Guerra do Paraguai. Com esse entendimento, este artigo objetiva situar no cenário de atrativos turísticos da cidade pantaneira de Barão de Melgaço, no estado de Mato Grosso, *um remanescente da trincheira da Guerra do Paraguai*, considerado como marco histórico desse evento.

Na esteira de atrativos turísticos, buscam-se conceitos de interpretação ambiental e de territorialização turística, daí entendermos a necessidade de visitarmos as referências bibliográficas concernentes ao assunto, poucos discutido no cenário pantaneiro mato-grossense. Para isso, foi fundamental o apoio em Murta e Albano (2002), que orientam sobre como exercitar o olhar ao interpretar o patrimônio; e em Candiotto e Santos (2009), entre outros, para falar de territorialização turística. Desse modo, considera-se que esta construção investigativa tem um cunho teórico e empírico.

A *interpretação ambiental*, ao informar e sensibilizar as pessoas para a compreensão da temática ambiental na sua complexidade, busca envolver pessoas que promovam ações e experiências sustentáveis de uso dos bens naturais e culturais. A interpretação do patrimônio, conforme Morales em seu livro publicado em 1998, apud Murta e Goodey (2002, p. 14) “[...] é a arte de revelar *in situ* o significado do legado natural, cultural, ou histórico, ao público que visita esses lugares em seu tempo livre.” Assim, o grande mérito da interpretação é popularizar o conhecimento ambiental e preservar o patrimônio, induzindo atitudes de respeito e proteção.

A interpretação ambiental se identifica como atividade educativa que revela significados e permite o contato direto dos sujeitos entre si e do sujeito com os objetos, através de uma nova relação dos seres humanos com a natureza e com a sociedade, valorizando todas as formas de vida. Freeman Tilden, considerado o “pai” da interpretação ambiental (in MURTA; GOODEY, 2002, p. 14), conceitua a interpretação ambiental como “[...] uma atividade educacional, que objetiva revelar significados e relações, através do uso de objetos originais, de

experiências de primeira mão e por meio de meios ilustrativos, ao invés de, simplesmente, comunicar informações factuais.”.

Respeitante ao assunto *territorialização turística*, a abordagem de Candiotto e Santos (2009) enfoca a criação de novos territórios e territorialidades a partir do lazer/turismo. Entendem os autores que o processo de criação de um território turístico pode ser chamado de territorialização turística:

Um território criado a partir do lazer e/ou do turismo poderia ser chamado de *território turístico* e corresponderia ao espaço onde se efetivam as relações de poder entre os atores sociais envolvidos com o turismo. Quando determinado projeto ou empreendimento turístico instala-se em um lugar, inicia-se um processo de territorialização turística desse lugar, que levará à criação de um território turístico. (CANDIOTTO; SANTOS, 2009, p. 325).

E, ainda, “No território turístico, costuma predominar uma racionalidade econômica vertical, ditada pelo *trade* turístico, porém, há um conjunto de objetos e ações, locais e extra-locais que coexistem com os ditames do *trade*, podendo sucumbir a estes ou não.” (CANDIOTTO; SANTOS, 2009, p. 326).

O remanescente da trincheira da Guerra do Paraguai - marco histórico desse acontecimento – é aqui pensado como possível instrumento para valorizar intrínsecas relações entre o ambiente natural, ambiente construído e populações envolvidas, visto ser assunto para se debater com moradores de Barão de Melgaço, município inserido no Pantanal de Mato Grosso, onde já se praticam atividades turísticas de diversas naturezas, mas com estrutura física e alicerce socioespacial deficientes.

### O Pantanal Mato-Grossense



Águas de cheia do rio Cuiabá avançando sobre a principal avenida marginal da cidade de Barão de Melgaço. Foto Bordest. 2011

O Pantanal Mato-Grossense é uma das maiores extensões úmidas contínuas da Terra. Posiciona-se no centro da América do Sul, integrando-se à bacia do Paraguai. Dos seus 138.183 km<sup>2</sup> de extensão territorial, 65% estão no estado de Mato Grosso e 35% em Mato Grosso do Sul. O território pantaneiro mato-grossense abarca extensa área aluvial drenada pelo rio Paraguai e seu principal afluente, o rio Cuiabá, destacando-se ainda, inúmeros corpos d'água com denominações locais: *corixos*, *baias*, *lagoas* etc. Pelas suas características ecoambientais e pela rica experiência de vida de sua gente, no ano 2000, foi reconhecido pela Unesco, como Reserva da Biosfera. Detentor de expressivas belezas cênicas, atrativos naturais e culturais, o Pantanal vem se constituindo em alvo de mudanças socioespaciais ocasionadas por vários motivos, dentre os quais, pelo afluxo de turistas, além da crescente ocupação caracterizada pela construção de

residências de lazer, como chácaras, pesqueiros, hotéis e pousadas. Nesse contexto, aos poucos, as bucólicas cidades de Barão de Melgaço, Santo Antônio de Leverger, Poconé e Cáceres, provavelmente, deixarão de ser comunidades pacatas para se tornarem enclaves turísticos em meio pantaneiro. Na verdade, no Pantanal, o Turismo de Natureza ainda é mais desenvolvido que o Cultural, embora algumas práticas isoladas de ecoturismo e do turismo no espaço rural, envolvendo o cultural, já aconteçam. Nesse sentido, reconhece-se que há muito que fazer no estado de Mato Grosso para otimizar a experiência do turista. Daí, a proposta de investir na interpretação do patrimônio, buscando apreender a produção e o consumo do espaço geográfico, que acontece com a criação de novos territórios turísticos, pois se refere às relações de poder entre indivíduos, grupos sociais, instituições públicas e firmas privadas.

Conforme os autores Candiotto e Santos (2009):

A territorialização turística corresponderia à entrada de novos objetos técnicos em função do turismo, de novos atores sociais, das ações desses atores e suas *intencionalidades*, de atividades econômicas, usos do solo, dos recursos naturais, da idealização do rural, da cultura e da natureza. Esses novos elementos, apesar de terem forte influência das *verticalidades* (ações globais), inserem-se no lugar como *horizontalidades* e modificam a dinâmica espacial local, o *espaço banal* (Santos, 1996). Isso conduz a novas relações culturais, isto é, a novas territorialidades, seja para a população local (direta e indiretamente ligada ao turismo), seja para empreendedores e para os turistas (em menor proporção). (CANDIOTTO; SANTOS, 2009, p. 326-327).

É consenso que as principais mudanças no que tange à territorialidade ocorrem com a população

residente nas áreas receptoras dos turistas. Para Swarbrooke (2000), a percepção dos autóctones é a mais afetada, pois, “ [...] passam a desejar objetos e a copiar hábitos e padrões de consumo dos turistas”. Contudo, ressaltam Candiotto e Santos (2009, p. 329) que, mesmo de forma mais tímida, os turistas também podem ser influenciados pela população receptora. Com a preocupação das mudanças nas territorialidades locais, Bordest (1997), referindo-se às tendências de exploração da potencialidade turística em Barão de Melgaço, ressalta que, como os elementos naturais são mais visíveis na paisagem melgasense, os recursos hídricos, a fauna e a vegetação, já propiciam atrativos para o turismo contemplativo, pesqueiro e esportivo, ligado a práticas massificantes e muitas vezes, prejudiciais ao meio. De outro lado, também formas menos impactantes dessa atividade começam a ser sondadas no município, como o ecoturismo cultural no contexto do turismo rural. Estas modalidades turísticas requerem atitudes e comportamentos compatíveis com o turismo responsável, tanto por parte dos que promovem como de quem visita os locais dos atrativos. Assim, algumas práticas usadas, como a visita aos *ninhais*, só deve ser permitida dentro de critérios aceitos, focagem de peixe e aves merece ser repensada, caminhadas em trilhas, safáris fotográficos têm que ser planejados, bem como as visitas a comunidades tradicionais.

Tudo isso exige intenso preparo educacional de pessoas que tomarão parte no processo turístico: como guias, informantes, promotores de viagens, hospedarias, autóctones dos centros receptivos, líderes governamentais e de sociedade organizada. Considerando-se a necessidade de conter agressões às

## Dossiê

práticas de uso inadequado dos planaltos adjacentes e das áreas úmidas, reconhece-se no turismo uma das alternativas para contribuir com a sustentabilidade, ao gerar emprego e renda aos moradores.

Sabendo-se que as interpretações de lugares, acervos, saberes e fazeres culturais são, antes de tudo, instrumento de comunicação com o morador, assim como para os visitantes e o turista, propõe-se para questionamento inicial: como provocar nos autóctones o interesse pelo assunto “turismo responsável” a partir da observação, das lembranças, do cotidiano, inscritas no ambiente pantaneiro? Entendendo a territorialização

turística como uma das faces do capitalismo, marcada pela acumulação flexível, em que natureza e cultura são cada vez mais transformadas em mercadoria, o assunto é aqui abordado projetando a manutenção de relações intrínsecas entre ambiente construído, populações envolvidas e natureza, temática que deverá ser debatida futuramente com os moradores de Barão de Melgaço. O espaço físico da trincheira da Guerra do Paraguai, que abriga um Memorial em território pantaneiro, é propício à reflexão com os envolvidos no processo de territorialização turística, possibilitando contribuir para a efetivação do turismo diferenciado (ecocultural).



Barão de Melgaço. Construção do Memorial da Guerra do Paraguai. Foto Bordest. 2011.



Barão de Melgaço. Frontal da construção do Memorial da Guerra do Paraguai. Foto Bordest. 2011.

É fundamental que se dissemine o conhecimento ambiental rememorando grandes nomes da História mato-grossense. Exemplifica esse entendimento o cognome das cidades pantaneiras de Barão de Melgaço e Santo Antônio de Leverger, banhadas pelo rio Cuiabá, na transição da Depressão Cuiabana para o Pantanal Mato-Grossense. Há, ainda, na capital do

Estado, ruas, praças, escolas e instituições, com o nome do Barão. Serpenteando a cidade de Barão de Melgaço, que abriga o Memorial da Guerra do Paraguai, o rio Cuiabá constitui rico elemento da natureza que enfeita a cidade e se comporta como importante bem cultural regional intimamente ligado à questão da trincheira.

## O Plano interpretativo e suas etapas

Referindo-se ao Plano Interpretativo, escrevem Murta e Goodey (2002, p. 19-20): “A interpretação não é um evento em si, mas um processo contínuo que envolve a comunidade com o passado, o presente e o futuro acervo de um sítio ou de uma cidade. Seu objetivo é apresentá-los, promovê-los e atualizá-los como marcos importantes e como atrações.”

Ainda, Murta e Goodey ponderam:

Um plano interpretativo, incorporando as vozes da comunidade, visa estabelecer no espaço uma *rede de descobertas* e de desfrute para residentes, visitantes e turistas, ampliando as possibilidades de desenvolvimento de projetos turísticos e culturais. (MURTA; GOODEY, 2002, p. 20).

Considerando que o planejamento exige algumas etapas, é necessário decidir sobre o que vale a pena mostrar. Para Murta e Goodey, são três as etapas essenciais de um plano interpretativo:

- inventário e registro de recursos, temas e mercado,
- desenho e montagem da interpretação,
- gestão e promoção.

Embasados nos ensinamentos dos autores citados, aplica-se, no caso de Barão de Melgaço, a ideia de “inventário de temas e elementos significativos sobre o lugar”:

[...] um inventário de *temas e elementos significativos* sobre o lugar, sua história e topografia, seus personagens e lendas, seus sítios e edificações, exigirá pesquisa junto às pessoas do lugar, profissionais e amadores. E, mais, que o público-alvo e os *mercados* específicos serão levantados e definidos na fase dos inventários. Para isso convém proceder as seguintes indagações: Qual o mercado ou segmentos de mercado para a atração? (idade, nível educacional, de renda, interesses). Qual o número de visitantes,

duração da visita? Qual a origem e expectativas dos visitantes? (MURTA; GOODEY, 2002, p. 21)

### *1-Inventário e registro de recursos, temas e mercado*

Futuramente, todos os recursos culturais e ambientais, técnicos e financeiros deverão ser levantados, o que envolverá diferentes setores da administração pública e da comunidade. Para tanto, perguntaremos: - o que mais há para ser interpretado; - como o Memorial se relaciona com o ambiente mais amplo? - com que recursos financeiros se podem contar? Com esta preocupação, retomamos Bordest e Silva (2002), para destacarmos o registro de cenários e potencialidades do centro urbano de Barão:

#### *1a - Centro urbano e monumentos históricos: inventário e registro de recursos temas e mercados.*

O centro urbano de Barão de Melgaço guarda um rico arsenal de bens patrimoniais, dentre os quais, a igreja, o porto fluvial, o casario antigo, as vielas, e a trincheira da Guerra do Paraguai.

*A Igreja Nossa Senhora das Dores*: padroeira da cidade, reúne para o ofício religioso e social pessoas da redondeza, principalmente nos dias da sua festa. No passado, as festas duravam até nove dias, atualmente são de três a quatro, quando reúnem o festeiro, devotos e visitantes. Também outros santos são homenageados, dentre eles São Gonçalo, São Pedro, São João, São José e Nossa Senhora Aparecida.

## Dossiê



Interior da Igreja Nossa Senhora das Dores, Barão de Melgaço. Foto Bordest. 2011.

*O cais do porto:* lembra histórias do seu passado, quando o rio Cuiabá, principal afluente do Paraguai, representava importante meio de transporte local no contexto da bacia hidrográfica. No passado, quase tudo que abastecia as cidades mato-grossenses vinha de Corumbá, conforme contam os antigos moradores. Até o início da década de 1970, por aí passavam, a cada 10 dias, navios que vinham da bacia do Prata, transportando cimento, farinha de mandioca, crina de animal, couro *vacum* e mais tarde couro de jacaré. Essa movimentação econômica e cultural perdurou, com relativa assiduidade, até 1930. Depois, ficou a marca da destruição pela pesca predatória, dizem os antigos moradores. Hoje, o cais do porto é local de onde se

tem uma bela paisagem do rio Cuiabá, de vivências ribeirinhas e de confraternização de visitantes para saborearem a comida regional, em geral a peixada. *O casario antigo, as ruas e vielas:* Contornando a margem do rio Cuiabá, com ampla visão para observar as embarcações, se encontra a maioria das casas da cidade de Barão de Melgaço. Rememorando o passado colonial, ruas e vielas em paralelepípedos sobem paredes que expõem afloramentos quartzíticos.

*O busto do fundador da cidade:* Também voltado para o rio, se ergue um monumento em homenagem ao almirante Augusto João Manoel Leverger, cognome da cidade.

Considerado um exemplo de cultura, conforme assevera Jucá (2002): Augusto Leverger nasceu em Malô, Bretanha, na França, no dia 30 de janeiro de 1802, e chegou a Cuiabá no dia 23 de novembro de 1830, ainda muito jovem. Além de ser o maior estadista de Mato Grosso no Império, ele soube lutar com bravura no Forte de Coimbra e resistir nas colinas de Melgaço, não permitindo que o inimigo chegasse à capital da província e ocupasse esta parte do território brasileiro. Faleceu em Cuiabá, no dia 14

Cais do porto da cidade de Barão de Melgaço. Cuiabá. Foto Bordest. 2011.



Embarcação de Turismo no cais do porto de Barão de Melgaço. Foto Bordest. 2011.





Barão de Melgaço. Casario antigo à margem do rio Cuiabá.  
Foto Bordest. 2011.

de janeiro de 1880, sendo consagrado como um grande exemplo de cultura. Na Casa Barão de Melgaço, onde este personagem viveu por anos e onde faleceu, funcionam as duas mais antigas e importantes entidades culturais do Estado: o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e a Academia Mato-Grossense de Letras.

*Trincheira histórica:* O Morro de Chacororé lembra fatos ocorridos em uma trincheira histórica, reminiscência da Guerra do Paraguai. Ressalta-se que o episódio da defesa de Melgaço é amplamente descrita por historiadores do IHGMT, como Virgílio Corrêa Filho, Estevão de Mendonça, Antônio de Arruda, Lenine de Campos Póvoas e Elizabeth Madureira Siqueira, dentre outros. Nesse local construiu-se o Memorial da Guerra do Paraguai.

Registros de Bordest (2002 e 2005) assinalam que como parte do patrimônio imaterial regional e das manifestações populares mato-grossenses, o folclore melgasense é ainda bastante preservado na comunidade de Barão de Melgaço, com destaque para o *cururu*, cultivado pelo caboclo, dançado apenas pelos homens, ao som da viola de cocho, do ganzá e do mocho, em roda constituída pelos cururueiros, que efetuam movimentos coreográficos enquanto tiram versos. O siriri, possivelmente de origem lusitana, apresenta traços culturais africanos e indígenas.

As canções exaltam o contexto cultural dos cantadores e tiradores de siriri, ao som do ganzá, viola e do mocho. O *boi-à-serra*, é uma dança que se concentra na figura de um boi bastante colorido, boi do Pantanal. Acompanham este animal as figuras lendárias Mãe de Morro, Negrinho d'Água, Pé-de-Garrafa, Boi-Tata e Ema, esta protetora do rebanho no Pantanal. Os sons decorrem da viola de cocho, ganzá e do mocho.

### *1b – Desenho e montagem*

Para a etapa seguinte sobre *desenho e montagem da interpretação*, cuja pesquisa de campo será realizada, se terá em mente três questões sobre comunicação, que desejamos sejam estabelecidas com os visitantes:

O que queremos que saibam?

O que queremos que sintam?

O que queremos que façam?

Também importante se torna o conceito de “atendimento ao cliente”, que assegura ao turista informação e entretenimento adequados.



Barão de Melgaço. Monumento em homenagem ao fundador da cidade.  
Foto Bordest. 2011.

Barão de Melgaço.  
Placa do Monumento.  
Foto Bordest. 2011.





## 1c- Gestão e promoção

O turismo cultural se viabiliza, em grande parte, por meio da interpretação planejada e realizada com a comunidade, que deve ser a melhor anfitriã de seus visitantes. Pelo método interpretativo, o lugar, além de se expor naturalmente à aplicação do público, pode falar sobre si mesmo e explicar sua identidade. (Bordest, 2005, p. 57).

A gestão de um plano de interpretação é crucial para garantir a preservação e atualização das instalações interpretadas, sejam elas privadas, públicas ou gerenciadas em parceria com a comunidade. É necessário programar as necessidades de monitoramento, avaliação permanente, atualização e treinamento da equipe. Por outro lado, a publicidade nos diversos meios de comunicação deve ser planejada de modo a promover o lugar interpretado. Folhetos, painéis mapas e guias ilustrados, dirigidos tanto aos residentes do local quanto aos visitantes. Outros meios, como a televisão, o rádio e jornais, também são importantes. Merece especial atenção os horários de visitação, qualidade de acesso e forma de melhor orientação do visitante.

### Focando a trincheira Histórica da Guerra do Paraguai



Barão de Melgaço. Bosque. Resquíio de mata ciliar (APP) no acesso à trincheira da Guerra do Paraguai. Foto Bordest. 2011



Acesso à trincheira remanescente da Guerra do Paraguai, Barão de Melgaço, Memorial. Foto Siqueira. 2011.

A construção de atrativos com a comunidade e/ou visitante deve iniciar-se do próprio Memorial. Assim, a ambientação com o visitante e comunidade se dará com o entorno mais próximo, naquilo que se considera como a apropriação do território turístico da *trincheira histórica da guerra do Paraguai*, de maneira a apresentar uma particularidade da imensurável potencialidade patrimonial do Pantanal Mato-grossense. A seguir, os passos iniciais para se ler o terreno:

- A vista: Observar o terreno com sensibilidade;
- A declividade: o caimento do terreno para onde fica a trincheira;
- A limpeza do terreno deve respeitar a vegetação original;
- A trilha sinalizada: apontando os principais recursos naturais e/ou edificados na área;
- A vegetação nativa: valorizando a vegetação ciliar e APPs;
- A árvore simbólica: a ser reconhecida pelos moradores;
- A vegetação ciliar: forma localmente uma espécie de bosque (grande porção de árvores reunidas) que acompanha o caimento da encosta;
- Corpos d'água: o rio, lagoas etc.;
- A edificação: o Memorial - a casa por dentro e seu entorno;
- O centro de informações para visitantes: adornado com painéis ilustrados e orientando moradores e visitantes sobre detalhes do Memorial.

### Considerações Finais

O reconhecimento da necessária preservação da trincheira da Guerra do Paraguai, em Barão de Melgaço, como monumento de valor histórico e de identidade local, a exemplo do Memorial Rondon, em Mimoso, abre caminho para a territorialização turística pantaneira, projetando nova dimensão de atrativos turísticos, além da valorização da sua incontestável riqueza bionatural e cultural, desde que realizada com efetiva participação das comunidades locais.

O grande mérito do Memorial da Guerra do Paraguai é que a obra foi projetada visando a preservação do fato histórico e da natureza do entorno, preocupando-se ainda com a inclusão da população local que, com seu saberes e expectativas, darão dinâmica ao Memorial. O turismo sustentado deve harmonizar-se por meio de seus principais componentes: a comunidade receptora, os visitantes, o meio ambiente e a própria atividade turística,

para que seja catalisadora da conservação dos ambientes naturais e culturais, contribuindo para a geração de empregos e renda nas comunidades.

No turismo diferenciado, a esperança do turismo cultural e ecológico é que ele ofereça número reduzido de visitantes que percorrem lugares, com vagar, reunindo o número de experiências com maior qualidade, recebendo mensagens mais detalhadas sobre o significado de lugares e manifestações. O Memorial da Guerra do Paraguai deverá ser visto com um olhar diferente daqueles que só têm visão mercadológica sobre atrativos turísticos. Como a perspectiva deste Memorial é promover a ambientação cultural e educacional, visa também atender turistas que alegam a dificuldade para obter informações sobre a cultura e a história das cidades que visitam, queixando-se da falta de espaços públicos para visitação em seu tempo livre.

### Referências

- BORDEST, S. M. L. *Uma abordagem territorial no entorno de experiências ambientais*. Palestra III SEREX/UFMT - Mesa Redonda: Direitos Humanos e Educa o ambiental. (Mich le Sato, Valério Mazzuolli, Su se Bordest). Centro Cultural/UFMT. Em 29/04/2010.
- BORDEST, S. M. L.; SILVA, U. M. Barão de Melgaço, o personagem, o Pantanal e o município. A propósito do turismo cultural. In: *Revista do IHGMT*, v. 60, 2002, p. 145-154.
- BORDEST, S. M. L. Pantanal Mato-Grossense de Barão de Melgaço. Interpreta o do Patrim nio Cultural. Rio Claro, SP: *OLAM*– Ciência e Tecnologia, v.5, n. 1, p. 158-167, 2005.
- BORDEST, S. M. L. *Patrim nio ambiental de Chapada dos Guimarães: Olhares e possibilidades culturais*. Cuiabá: EdUFMT, 2005.
- BORDEST, S. M. L.; MACEDO, M.; PRIANT, J. C. R. *Matutando Turismo*. Cuiabá: EdUFMT, 1997.
- CANDIOTTO, L. Z. P.; SANTOS, R. A. Experiências em torno de uma abordagem territorial. In: SAQUETE, M. A.; SPOSITO, E. S. (Orgs.). *Terr rios e Territorialidades*. p. 217-249. São Paulo: Expressão Popular; EdUNESP, 2009.
- JUCÁ, P. R. *Barão de Melgaço, Exemplo de Cultura*. In: Varanda Cuiabana (Memórias). Jornal Eletr nico, prjuca@terra.com.br, Cuiabá. Acesso 12/05/2002.
- MEDEIROS, R. M. V. Território, Espaço de Identidade. In: *Terr rios e Territorialidades*. SAQUETE, M. A.; SPÓSITO, E. S. (Orgs.). São Paulo: Expressão popular: UNESP, 2009, p. 217-249.
- MURTA, S. M.; ALBANO, C. *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: EdUFMG; Território Brasilis, 2002.
- MURTA, S. M.; GOODEY, B. Interpreta o do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (Orgs.). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: EdUFMG; Território Brasilis, 2002.